

## ROBERTO PONTES

Francisco Roberto Silveira de Pontes Medeiros: Fortaleza, 04.02.1944.

Mestre em Literatura Brasileira pela UFC (1991), Professor de Literatura Portuguesa na UFC.

Colaborador da imprensa de Fortaleza, das revistas *Vozes*, *Tempo Brasileiro* e *Encontros com a Civilização Brasileira* do Rio de Janeiro, e do *Suplemento Literário Minas Gerais*.

Sócio da Associação Brasileira de Literatura Comparada-ABRALIC e da UBE.

### DO AUTOR

*Contracanto*. (poesia) Fortaleza SIN ed. 1968.

*Lições de espaço*. (poesia) Fortaleza, Imprensa Universitária, 1970. Prêmio da UFC.

*Vanguarda brasileira: Introdução e tese* (ensaio). Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, set. 1970. Prêmio Esso-JL.

*Memória Corporal* (poesia). Rio de Janeiro, Antares, 1982.

*Temporal* (sete poemas). *Revista O Saco*, nº 5. Fortaleza, 1976.

*Quatro poemas de Natal* (poesia). Fortaleza, SIN ed., 1977.

*Quatro poemas de amor* (poesia). In: *Jornal de Cultura Fortaleza*, Ed. U. F. C., 1990.

*Os ausentes* (poema). Traduzido para o francês sob o título *Les absents*, pelos monges do Convento de La Tourette, Lyon, France e inserido no *Dossiê Tito*. Lyon, Anistia Internacional, s/d.

### SOBRE O AUTOR

AIRES FILHO, Durval. O erotismo poético em *Memória Corporal*. Fortaleza: *Diário do Nordeste*, 24 jun. 1984.

AZEVEDO, Sânzio de. *Literatura cearense*. Fortaleza: ACL, 1976.

BARROSO, Antônio Girão. Roberto Pontes e seu *Contracanto* (E por aí vem mais). Fortaleza: *Correio do Ceará*, 17 ago. 1968.

COUTINHO, Afrânio & SOUSA, J. Galante de. (Dir.) *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação/FAE, 1990.

- D'ALGE, Carlos Neves. A verdade do corpo. In: *Memória Corporal*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.
- FÉLIX, Moacyr. O verbo se encarna em Fortaleza, *O Povo*, 18 out. 1987.
- GIRÃO, Raimundo, SOUSA, Maria da Conceição. *Dicionário da literatura cearense*. Fortaleza: IOCE, 1978.
- HELENA, Lúcia. Sutil tecido de sal e concha. In: *Memória corporal*. Rio de Janeiro: Antares, 1982.
- LYRA, Pedro. Prefácio. In: *Contracanto*. Fortaleza: SIN, 1968.
- \_\_\_\_\_. Poesia e libertação em RP. In: *Poesia cearense e realidade atual*. Rio de Janeiro: Cátedra/INL/MEC, 1981.
- \_\_\_\_\_. Memória do amor. Rio de Janeiro: *Jornal do Brasil*, 5 set. 1982.
- \_\_\_\_\_. O resgate do desejo. In: *O real no poético*. v. 2. Rio de Janeiro: Brasília, Cátedra/INL, 1986.
- MACEDO, Dimas. Memória corporal. *Diário do Nordeste-DN Cultura*, 28 fev. 1983.
- \_\_\_\_\_. O resgate do corpo. In: *Leitura e conjuntura*. Fortaleza: Secretaria de Cultura, 1983.
- MONTENEGRO, Pedro Paulo. O ser do poema. Fortaleza, *Jornal de Cultura*, UFC, nº 11, 1983.
- PAPI, Luiz F. O depurado discurso de *Memória Corporal*. João Pessoa: *Correio das Artes*, 5 dez. 1982.
- PINTO, Alcides. Os poetas novos do Ceará. Fortaleza, *Unitário*, 26 jan. 1969.
- \_\_\_\_\_. Ressurgências e Memória Corporal. Fortaleza, *Diário do Nordeste - DN CULTURA*, 5 jun. 1983.
- \_\_\_\_\_. *Política da Arte* v. 2. Fortaleza: BNB, 1986.
- SOUZA, José Helder de. Dois poetas. Brasília: *Correio Brasiliense*, 22 maio, 1983.
- SPÍNOLA, Adriano. Literatura no Ceará. *Diário do Nordeste- DN-CULTURA*, 16 jan. 1983.

## CONTRACANTO

Estou em meu poema  
 como os amantes se estão.  
 Moro nas vogais e consoantes  
 circunflexos  
 ós e zizes cantantes

Éstou nos casebres tristes  
 da imaginação  
 Sou nas quase  
 vírgulas de ouro  
 que faço sem porquês.

O alfabeto habito  
como me moram  
muitas vezes muitas  
meu coração.

### LAMENTO DO RIO RAIVOSO

Essa água  
onde um tronco vai  
não é água.  
É sangue.  
Esse rio que corre  
não é rio.

É rei coroado de pontes.

Essas conchas  
que servem de leito  
não são ostras.

São ossos trazidos dos mangues.

Essa nascente do Cocoló  
só pode ser dois olhos  
muito grandes  
chorando a vida toda  
por ter nascido rio  
e não fuzil.

*(Contracanto)*

### MEMENTO A MANUEL BANDEIRA

a estrela de cinco pontas  
cinco facas afiadas  
ou catavento de flandres  
a retalhar o espaço

a estrela de cinco gumes  
cinco giletes cortantes  
ou lixas de lima rala  
a esmerilar seu redor

a estrela de cinco faces  
cinco aspas eriçadas  
ou xiquexiques crivados  
nos arremates dos nimbos  
a estrela de cinco fios  
cinco serras amoladas  
ou raspadeiras nervosas  
cuspindo luz na piçarra

### TELETIPO 1957

hoje eclodiu a chama  
o oriente cavalga o cosmos  
seu cavalo sputnik  
vai sem chouto  
a 7 mil km por segundo  
rompe a barra magnética  
o cinto atmosférico  
abre a cortina do espectro  
e proclama nova era

### FINITO/INFINITO

cavalgar na luz  
cavalgar na luz

retorno ao rio do tempo  
onde a vida cresce e diminui  
o meu transporte é a velocidade  
e sou um rei  
a cavalgar na luz

a cavalgar na luz  
sou imortal e tudo sei  
faço parar meu corpo no espaço  
controlo a vida na velocidade  
sou cavaleiro  
a cavalgar na luz

a cavalgar na luz  
bebo verdes ondas de energia  
há um sol diverso em minhas veias  
pois reconheço meus ecos de origem  
e a minha voz  
a cavalgar na luz

a cavalgar na luz  
sou imortal e tudo posso  
até mesmo lançar o maior passo  
ou retornar ao ponto donde vim  
ou nem sequer saber se vivo ou se morri

a cavalgar na luz  
a cavalgar na luz

*(Lições de Espaço)*

## **ANIMAIS ENTERNECIDOS**

Amamos,  
animais enternecidos,  
a coisa mais próxima  
da mão.

E  
a ela nós perdemos  
por deslembrar que o amor  
não é nada.  
Amamos e perdemos.  
O meu primeiro verso foi:  
Amamos.

## **SE A ESMO A APATIA TE ACUDIR**

Se a esmo a apatia te acudir  
e a casa ficar triste e desbotada  
será preciso lembrar a aflição  
de quem te pensa e sempre silencia.

E quando a minha ausência sufocar  
teu ser, sem lenitivo,  
urge saber que assim eu te maltrato  
e sofro longe esta dor comum.

Quando a solidão fingir que te domina  
e a vida parecer um desespero,  
bom é que penses apenas no tesouro  
contido ali no coração que ama.

Mas se nada suplantará a minha falta,  
estejas certa que não sou teu deus,  
certeza tenhas que não sou o sol,  
porque navego os mesmos sentimentos.

### EPITÁFIO

Aqui jaz o amor um dia dito  
só de beijos e flores viveria.  
E não morreu por falta de sustento,  
ardor e sonho, pois estes vivem sempre  
ao jugo seco da crua existência.  
Deixou de haver o sopro simples,  
o desejo de ser o conivente,  
o comparsa do outro na paixão  
que a vida faz ruir devagarinho.  
Quem esta morte de bom grado aceita  
quer deixar escrito na memória,  
na verdade indestrutível de um poema,  
o seu perdão, o seu adeus, o seu soturno desamparo ausente.

*(Memória Corporal)*

### OS AUSENTES

*ao Frei Tito*

Os ausentes necessitam sempre  
bilhetes, cartas e coisas  
vezes pequenas lembranças  
uma gravata, um poema, um postal.

Os ausentes são tão necessitados  
que ninguém os lembra  
nem só por saudade ou falta.

Os ausentes têm mãos invisíveis  
e figura tão diáfana  
que os versos para eles  
já nascem feitos poemas.

Os ausentes por qualquer acaso  
jamais fogem ao nosso convívio  
ainda que a distância seja tanta.

Dos ausentes fica sempre um sorriso  
como as pinturas recheias  
de surpresa, reencontro e irreal.

## QUANDO O VENENO

*a Moacyr Félix*

Se não tens dignidade  
tu serves a qualquer um.  
Tanto faz que seja ao néscio  
quanto ao fero ditador.  
Tanto faz que seja ao próprio  
ou qualquer de seus vassallos  
pois há mil formas distintas  
de vender e de comprar.  
Em todas vem o veneno  
com seus destilos mortais.

Quando o veneno é poder  
então ele é servido  
em bandejas de ouro e prata.  
Assim se disfarça o mal  
que vai ganhando as entranhas.

E é sabido que o poder  
infeta somente a quem  
numa vaidade consente.

Mas a ter dignidade  
se se tem roteiro certo

não haverá concessão  
pois o longe é sempre longe  
e distingue bem miragens.

A salvação não virá  
para quem servir negando  
as forças do temporal  
e o céu que cobre o mundo.

Quando o veneno restar  
um dia subvertido  
serão bandejas de barro  
cozidas por mão de homem  
que servirão a verdade  
pra desespero do mal!

Aí, se não tens dignidade,  
por favor, recolhe a mão!

## INCITAÇÃO À VERDADE

Companheiro, põe algo maior em tua vida.  
Contorna a cordilheira de perigos  
e o vulcão de vãos desejos.  
Não deixa a saudade te curvar  
nem tomba nas menores das fraquezas.

Há que pensar e, sobretudo,  
na estrela dentro da estrela  
ou na frágil luz da vela  
que a luzir treme e resiste.

Companheiro, se puseres  
algo assim em tua vida  
não valerá a tormenta  
a pele será couraça  
e os acenos fraternos  
virão dos braços dos campos  
dos que voam sem ter asas  
dos que pescam pelos mares.

*(Verbo Encarnado, inédito)*



## TEMPO DO FUI

### I

Fui uma invenção do sortilégio  
exercido sobre saís da natureza.  
E onde havia o pó  
vingou a chama  
uma gota sumarenta  
de energia.  
Era o próprio tempo a gerar-se.  
Assim se abre um botão de rododendro.

### II

A vida começa órfica  
no macio agasalho de veludo;  
num cofre  
recôndito e lacrado  
onde faz-se a invenção do sortilégio.

## TEMPO DO SOU

### I

Sou da existência o processo  
delimitado e em curso  
entre os extremos.  
Estou em dúvida constante  
se existo ou não  
me processando.

### II

Em mim vai o solista,  
o telepata agreste,  
que tange seus haveres  
como dardos.  
E me mantenho  
como irmão das horas  
e sou, da existência, o processo.

## TEMPO DO SEREI

### XVIII

O meu ortônimo  
será inconfundível.  
Um signo qualquer  
bastante expresso.  
Serei a igualdade dos contrários.  
Serei então o ânimo do mito.

### XIX

Serei no verso a sílaba encantada  
o próprio som  
a invadir o tempo:  
o singular portal  
que só transpomos  
com o cessar, o fim  
do tempo único.

*(Tempo Único, inédito)*

## POEMA DE OFERTA

Que pode o sapateiro dar de melhor  
ao amigo, no dia do seu aniversário?  
E o pescador, hesitaria em dar-lhe peixes frescos?  
E o lavrador, os cajus que então plantara?  
O artesão daria um cesto ou uma talha.  
A bordadeira, seu tecido de alvo fio.  
O vinhateiro, moringa cheia de vinho  
E a floreira, o mais formoso ramalhete.

Que posso dar a ti no teu aniversário?  
Ouro? - Mas eu não sou garimpeiro.  
Roupas? - Também não sou alfaiate.  
Aves? - Um dia fui passarinho.

Algo de mim é o que vou dar-te  
Pelas mãos padecentes  
Dos que sustentam a vida.  
Pelas mãos sagradas  
Dos mais anônimos operários.

Dou-te, meu amigo, minha amiga, um poema,  
Que este é o meu trabalho.

(*Inventário Gris, inédito*)

### CANTIGA

*Os mais desesperados são  
os mais belos cantos. MUSSET*

Até Cecília  
que se encantava  
morreu.

Por que um dia  
também não morro eu?

Até Cecília  
que de beleza  
padeceu  
e não desejou mais nada  
arrefeceu.

Onde Cecília  
seus olhos de estampa  
ela escondeu  
após os *Cânticos*  
que prometeu?

Até Cecília  
ave encantada  
feneceu.

Por que de dor talvez  
quem sabe não morro eu?

## SONETO PARA CRER

Eu, para não morrer, vivo acordado.  
São muitas as maneiras de viver.  
E entre os dois extremos tenho ao lado  
aquela que não cansa de me haver.

Pois estamos, assim, posto na vida  
igual à flor nascida para ser.  
Mas, se se abre em nós qualquer ferida  
melhor é ignorá-la, se doer.

Onde o mistério se a vida é vida?  
Por que dormir suspenso no enfado  
se à vida tenho a força devotado?

Egressos lá do céu me vêm anjos  
aconselhar que sejam consumidas,  
ao mesmo tempo, as flores e as feridas.

## POESIA E LIBERTAÇÃO EM ROBERTO PONTES

PEDRO LYRA

Um dos temas mais problemáticos da teoria literária contemporânea é a sobrevivência do épico. Dada a natureza por essência histórica deste gênero, creio que o problema não pode ser questionado antes de colocado num determinado tempo. Deste modo, a falência e/ou apogeu do épico se encontram vinculados à existência/inexistência de grandes acontecimentos sociais que, numa certa fase da história humana, ofereçam ou não temas de conteúdo épico.

Por que a Antiguidade e o Renascimento foram tão fecundos neste gênero? Simplesmente: pela ocorrência, nessas épocas, de fatos sociais de grandes implicações humanas de sentido universal. Aplicada a tese ao momento presente, o problema se resolve: não foi o épico que morreu como gênero literário, mas um certo épico de linguagem inadequada ao nosso tempo, um épico de conceituação sedimentada nos limites de uma estética restrita ao ideário clássico - o pomposo e solene épico de Homero, Virgílio, Camões, próprio para as sociedades que o geraram e consumiram, como só elas poderiam gerá-lo e consumi-lo.